



Sub-departamento de Língua Portuguesa | Departamento de Língua e Literatura Espanhola | Área de Línguas Ocidentais

Faculdade de Línguas, História e Geografia | Universidade de Ankara

MÁRIO TIAGO PAIXÃO

ISP418 Portekizce Sozlu Anlatim

<https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/sessao-comemorativa-do-25-de-abril-na-assembleia-da-republica-vai-custar-2-milhoes-de-euros>

Sessão comemorativa do 25 de abril na Assembleia da República vai custar 2 milhões de euros?

O QUE ESTÁ EM CAUSA?

No contexto da polémica em torno da sessão solene comemorativa do 46º aniversário da revolução de 25 de abril de 1974, agendada para o próximo sábado na Assembleia da República, em pleno período de pandemia do coronavírus, surgiram várias publicações nas redes sociais denunciando que vão ser gastos 2 milhões de euros nessa iniciativa. Verdade ou mentira?

© Agência Lusa / Miguel A. Lopes

"Povo devia ir todo comemorar o 25 de abril era a mandar ovos podres aos nossos governantes como protesto, isto é uma palhaçada, uma falta de respeito pelo povo", destaca-se numa das publicações em causa.

"Mas eles querem festa! Vão gastar num só dia 2 milhões de euros, para festejar o 25 de abril. Porque eles querem justificar ao povo que trabalham! Querem ter um palco para fazer bonitos discursos e aparecerem nas televisões! Vergonha nacional", acrescenta-se.

Esta referência à suposta despesa de 2 milhões de euros aparece em várias publicações e também em caixas de comentários a notícias difundidas nas redes sociais.

Confirma-se que a sessão solene comemorativa do 46º aniversário da revolução de 25 de abril de 1974 na Assembleia da República vai custar 2 milhões de euros aos contribuintes?

O Polígrafo questionou o secretário-geral da Assembleia da República, Albino de Azevedo Soares, sobre a alegada despesa de 2 milhões de euros, tendo obtido do respetivo gabinete o seguinte esclarecimento:

"Relativamente ao solicitado, informa-se que a sessão solene, agendada para o dia 25 de abril de 2020, tem um custo projetado da ordem dos 3.000,00 euros.

Para referência, informa-se que as comemorações do 45.º aniversário do 25 de abril de 2019, na Assembleia da República, incluindo a sessão solene e o 'Parlamento de Portas Abertas', tiveram um custo de 47.389,57 euros".



Sub-departamento de Língua Portuguesa | Departamento de Língua e Literatura Espanhola | Área de Línguas Ocidentais

Faculdade de Línguas, História e Geografia | Universidade de Ankara

MÁRIO TIAGO PAIXÃO

ISP418 Portekizce Sozlu Anlatim

Concluimos assim que as publicações sob análise estão a reproduzir desinformação, ao apontarem para um valor de despesa grosseiramente inflacionado.



Sub-departamento de Língua Portuguesa | Departamento de Língua e Literatura Espanhola | Área de Línguas Ocidentais

Faculdade de Línguas, História e Geografia | Universidade de Ankara

MÁRIO TIAGO PAIXÃO

ISP418 Portekizce Sozlu Anlatim

SEMANA 6

<https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/combate-a-covid-19-pode-causar-stress-pos-traumatico-e-burnout-nos-profissionais-de-saude>



Sub-departamento de Língua Portuguesa | Departamento de Língua e Literatura Espanhola | Área de Línguas Ocidentais

Faculdade de Línguas, História e Geografia | Universidade de Ankara

MÁRIO TIAGO PAIXÃO

ISP418 Portekizce Sozlu Anlatim

<https://visao.sapo.pt/visaojunior/historia-visaojunior/2016-04-14-conta-me-como-foi-o-25-de-abril/>

CONTA-ME COMO FOI O 25 DE ABRIL

25 de abril de 1974, o dia em que o País voltou a ser uma democracia, depois de 48 anos de ditadura. Sabe como tudo se passou!

24 de Abril de 1974 foi o último dia da ditadura.

A Guerra Colonial tinha começado em 1961, e opunha o Exército português aos guerrilheiros que lutavam pela independência dos territórios africanos que Portugal na altura governava: Angola, Moçambique e Guiné.

O governo chamava a esses territórios «províncias ultramarinas» (porque estavam para além do mar) e afirmava que faziam parte de Portugal da mesma forma que o Minho ou o Algarve. Na verdade eram colónias, ou seja, países com populações e línguas próprias que no passado tinham sido conquistados e ocupados pelos portugueses. Muitos países europeus tinham tido colónias em África, mas em 1973 ou 1974 essas colónias já se tinham tornado países independentes quer dizer, já não dependiam das metrópoles, que era como se chamava aos países colonizadores.

Mas o governo português da altura teimava em manter a posse das colónias, e por isso enviava para a guerra todos os jovens. O serviço militar a tropa, como se costuma dizer durava então quatro anos, os primeiros dois passados na «metrópole», em instrução e os dois últimos no «ultramar», em combate.

Muitos jovens morriam nos combates em África. Durante os 13 anos que durou a guerra perderam a vida quase 9 mil e uns 30 mil ficaram feridos ou estropiados. Quase todas as famílias estavam de luto, pois tinham pelo menos um morto na guerra. Em 1973, Portugal tinha 150 mil homens a combater. Muitos dos sobreviventes, depois de regressarem, mostravam dificuldade em integrarem-se na vida civil e eram frequentes as doenças psiquiátricas provocadas pela terrível experiência por que tinham passado.

Além disso, Portugal (que era, como agora, um país pobre) dirigia para as despesas da guerra cerca de metade do dinheiro que gastava. Portanto, quase não havia obras públicas; construíam-se poucas estradas, pontes, escolas ou hospitais.

A Guerra Colonial nunca poderia ser ganha pelos portugueses, pois o seu combate era contra a própria História. Quase toda a África era já independente.

Nesse tempo não se podia criticar o governo, mas como a guerra se arrastava, os mortos eram já muitos e as despesas cresciam cada vez mais, as pessoas passaram a estar fartas daquilo tudo. A certa altura, os militares começaram a ser apontados como os culpados por a guerra se arrastar.